

## PREFÁCIO DE TURRETIN AO LEITOR

Bondoso leitor, não posso evitar declarar-lhe, em termos breves, logo no começo, minhas razões e meu desígnio ao publicar esta obra, para que não pense erroneamente, ou não atribua a mim, em relação a ela, alguma coisa da qual sempre estive livre. Porque, visto que tantos escritos deste gênero, altamente aprovados, já foram publicados por teólogos (cuja profusão às vezes confunde os estudiosos, incertos sobre a quem devem devotar-se mais especialmente), dificilmente poderia evitar a alcunha de temeridade e de imprudência. Entretanto, eu (que não devo ser comparado com eles nem em talento nem em erudição) reconheço que não estou preparado para todas as coisas que se requerem de tal obra como está, para que seja executada com excelência (*cum laude*). Não obstante, possa eu exibir meus esforços ao público nesse tipo de escrito, como se pudesse fazer brilhar a luz do sol, ou como se pretendesse escrever uma *Iliada* como Homero. Isso não foi de particular escolha, mas da deferência para com algo que foi julgado uma vocação pública. Porém, além do fato de que unicamente a obrigação oriunda do ofício a mim imposto pode defender-me aqui suficientemente, e mais que suficientemente, ela prescreve o dever de assistir os estudos dos jovens consagrados a Deus pelo ensino ou pela escrita. Como, ao erigir o tabernáculo do Senhor, também foi digna de louvor a diligência daqueles que, não podendo contribuir com ouro, prata, escarlata e outras coisas mais preciosas, pelo menos não hesitaram em oferecer bronze e ferro, bem como coisas mais baratas de sua posse; sim, até mesmo peles e pêlos de carneiro; sim, pois Deus não avalia as dádivas segundo seu preço, mas segundo a afeição de sua mente. A própria ocasião da obra empreendida, não buscada, mas oferecida (sim, lançada sobre mim), testifica sobejamente o que foi feito por mim e minha intenção. Pois, embora eu tenha lutado segundo minhas forças para informar os jovens das exigências do ofício abraçado (não só pública, mas também privadamente), entre outras coisas propus para sua investigação o *Decades* do mui célebre Maresius. E para que isso pudesse ser-lhes um exercício bastante útil, imaginei que o estado e o fundamento das controvérsias tratadas ali fossem explicados em poucas palavras (sendo também acrescentadas algumas distinções e observações), pelas quais as *proton pseudos* (“principais falsidades”) dos oponentes viessem à lume e fossem resolvidas as principais objeções. Não contente com a palavra verbal, propus-me também grafá-las, para se fixarem mais profundamente na memória.

E assim a obra cresceu gradualmente; e não foi examinada pelos estudiosos sem algum fruto. Era somente essa a intenção do meu trabalho, e nunca o teria publicado às pressas não fossem os pedidos dos estudiosos, o desejo dos amigos e os bem fundados rumores chegados a meus ouvidos acerca do propósito

nutrido por outros de publicá-lo sem meu conhecimento (não tanto pela obtenção quanto pela extorsão a mim feita). Portanto, para que essa rude e pouco desenvolvida produção (eivada de muitos senões e erros) não se perdesse, por fim (“querendo, contudo com uma mente que o não queria”, *hekōn aekonti ge thymō*), resolvi satisfazer os desejos dos que demandavam isso de mim, e, fosse como fosse, revista e aumentada com um pouco mais de cuidado diligente e ordenada segundo um método mais acurado (como se, não podendo demonstrar minha erudição, pelo menos pudesse demonstrar a todos o meu respeito por meus amigos e o meu desejo de defender a verdade). Por isso, se alguém desejar mais destas páginas, e chamar isto um embrião, terá de mim a mesma confissão (aliás, fui o primeiro a fazê-la). Ainda acrescento isto: que eu preferia tê-la de volta a vê-la publicada.

Da mesma forma, no tocante ao título, *Compêndio de Teologia Apologética*, que ninguém conclua que aqui pode encontrar um acurado sistema de teologia, pois esse não foi de fato o desígnio que me foi proposto, mas simplesmente explicar a importância das principais controvérsias pendentes entre nós e nossos adversários (antigos e modernos), e fornecer aos jovens o fio de Ariadne, por cujo auxílio possam mais facilmente desenredar-se de seu labirinto. Pois, já que nesta era de amantes de contendas convém que o homem de Deus não só esteja imbuído de um conhecimento mais profundo da verdade, para discernir corretamente a Palavra de Deus (*pros to orthotomein ton logon tou theou*), mas também esteja equipado com a poderosa armadura da justiça e, especialmente, com o escudo da fé para convencer os antagonistas (*pros to tous antilegontas elenchein*), apagar os dardos inflamados de Satanás e destruir a fortificação e os raciocínios opostos ao conhecimento de Deus, e assim trazer todo pensamento cativo à obediência de Cristo – não se pode prover o progresso dos estudiosos melhor do que ensinando-os a manejar a espada com a colher de pedreiro (o que a história sacra nos conta que fizeram outrora os construtores de Jerusalém); isto é, com instrução (*paideia*) na verdade, sobre a qual a fé deve ser construída, e com a incorporação da convicção (*elenchon*) do falso por meio da qual os erros (impugnados direta ou indiretamente) sejam solidamente refutados, de modo que os interessados possam ser bem-sucedidos no correto estabelecimento das muitas e importantes controvérsias que, nestes dias e para nossa tristeza, prevalecem extensamente entre os cristãos e miseravelmente dilaceram a igreja do Senhor.

Mas, visto ser evidente que danosos erros estão envolvidos e que ocorrem principalmente e com muita freqüência em torno do estado da controvérsia que, sendo desconhecido, faz com que a disputa (*astochōs*) seja levada a cabo de maneira infeliz, com máscaras e ao acaso, como numa luta cega. Dediquei atenção a isto acima de tudo: que, descartando tudo quanto é irrelevante, diligentemente possa trazer à lume (*exagōnia*) e explicar, até onde possível, o estado e os pontos principais das questões segundo a opinião das partes.

Assim, uma vez corretamente posto e explorado isso, possa o caminho do resto tornar-se fácil, caso a verdade deva ser erigida positivamente (*kataskewastikōs*) ou o erro deva ser destruído (*anaskeuēn*) pela refutação. Essas duas coisas adicionais me propus realizar, não para que laboriosamente pudesse enfeixar todas as razões geralmente evocadas para a confirmação da verdade (porque aqui devemos contender não tanto pelo número, como quanto pelo valor), mas para que pudesse selecionar com critério as melhores e mais sólidas pelas quais sustentá-la, adicionando-lhes também força onde houvesse necessidade e respondendo às principais objeções (*exceptionibus*) dos adversários (*tōn ex enantias*). A estas pensei juntar fontes de solução (*fontes solutionum*) para que a série prolixa de argumentos fosse descartada, as distinções fossem apresentadas sucintamente e, por assim dizer, num relance fosse possível embotar as armas dos adversários e cortar facilmente os nervos das principais objeções.

Tudo isso me esforcei por executar com brevidade e clareza, de modo que uma demasiada concisão não produzisse obscuridade nem uma demasiada prolixidade causasse tédio. Conseqüentemente, contentei-me com a mera e simples exposição das coisas, omitindo uma exaustiva citação de testemunhos que poderia ser empilhada e evitando todo alarde emocional, e imaginei ser suficiente indicar por meio de breves referências o que de outra forma poderia ser extraído por um mero manuseio dos argumentos. Mas também ninguém deve ficar surpreso por eu tocar em várias questões comuns, visto que aqui desejo ser útil, não ao erudito e ao intratável (*epoptais*), que não têm necessidade destes escritos, mas aos catecúmenos (*tois katēchoumenois*) e aos principiantes que desejam ser instruídos. Com vistas à sua educação, devemos acomodar a palavra expressa, bem como o estilo de escrita. Deixo de abordar outros assuntos que em lugares comuns (*loci communibus*) costuma-se fazer freqüente menção. Pois nossa teologia já labora com mui grande massa de controvérsias (controvérsias das quais não poucas são desnecessárias, temerariamente agitadas por insensatos) e se vê esmagada. Tais pessoas, talvez por uma infeliz curiosidade, desdenhando as coisas que estão claras nas Escrituras, penetram o céu selado e cerrado e tudo fazem para adentrar os recessos secretos de Deus (*embateuontes eis ha mē heōrakasi*, cf. Cl 2.18). Pelo processo de ajuntar palhas (*karphologia*) sobem ao inútil pináculo de palavras a fim de conhecer um junco (i.e., encontrar dificuldades onde não existem). Na maior parte dos casos, sempre achei importante, para o progresso dos aprendizes e para o aumento da piedade, diminuir, em vez de aumentar, as questões, tanto quanto a verdade o admite. Portanto, desejei selecionar as questões que pareciam de maior importância ou mais necessárias para o momento, sendo descartadas outras, que não são tão difíceis e curiosas ou fúteis e estéreis, as quais o apóstolo chama *zētēseis mōras kai aperantous* (cf. 2Tm 2.23 – “repele as questões insensatas e absurdas”) e que em nada prejudicam os que as ignoram, nem trazem proveito aos que as conhecem. Como uma norma de ouro, o apóstolo sempre afirma: “conhecer a fim de ser sábio” (*phronein eis to sōphronein*).

E assim julguei que o capricho profano dos homens capciosos pelos novos e curiosos interesses pelo que é concupiscente deve ser criteriosamente refreado e, por isso, nada fiz mais zelosamente do que isto: não me desviar da forma da linguagem sensata, nem da simplicidade e pureza (*eilikrineia*) da prístina fé que nossos pios predecessores, depois de Cristo e dos apóstolos, nos transmitiram, o que foi constantemente mantido aqui, tanto quanto pude preservá-lo, sem contaminação.

Naturalmente, estou cômico de que isso de modo algum satisfará o paladar de muitas pessoas que pensam ser esta uma era de muita fertilidade; às quais as velhas verdades parecem destituídas de valor, e que nada valorizam senão o pensamento misterioso e moderno; as quais são “sábias em seus próprios conceitos” (*idiognōmones*) e “nutrem sua própria opinião” (*dokēsisophoi*) como se isso constituísse o padrão da verdade. Sob o pretexto de maior luz e de uma rede que penetre mais fundo à verdade exibida diante do ignorante, as tradições são lançadas, as boas constituições, destruídas, “suas próprias interpretações e suas próprias decisões são tidas em grande estima” (*idias epilyseis e kurias doxas*, cf. 2Pe 1.20). Cuidam bem em alardear a aparência de profecias e, justamente como se tivessem boa intenção, não se envergonham de proclamar que aqueles que porventura dissentirem deles são cabeças ocas, ignorantes e servilmente aferrados às velhas formas.

Mas tudo quanto atribuem e julgam tolo em virtude dessa manha, eu o considero como genuíno, sinceramente louvo e julgo esse fato como especial evidência de merecimento de elogio. Pois, visto que cada uma das coisas mais antigas é mui verdadeira, nenhuma descrição se pode dar que melhor caracterize uma coisa do que a descrição que a caracterize como menos nova, especialmente na argumentação sacra. O antigo é preferível aqui, e aquilo que recua à mais remota antigüidade. Já se descobriu, por dolorosa experiência, que sempre se desvia perigosamente quem repele as veredas bem conhecidas e bem usadas a fim de trilhar novos caminhos, que desviam tanto quanto possível o caminhante rumo a altitudes e precipícios intransitáveis.

Admito que não devemos desprezar a diligência dos que recentemente têm feito jus a seus brilhantes dotes divinos, exibindo poderosamente um especial gênero de habilidade honrosamente demonstrada no exame das Escrituras e em trazer a verdade à luz. E seria franca ingratidão para com Deus, o autor de dotes tão imensos, privá-los conscientemente do seu devido louvor ou recusar fazer proveitoso uso deles. Contudo, eles na verdade são rejeitados sob aquela pretensão antiga e perniciosa, e novas doutrinas são introduzidas na igreja, como se os que nos precederam vivessem em névoas e sombras até agora e foram incapazes de purgar a religião de seus próprios erros. Isso certamente é injurioso para a reputação de homens tão eminentes e nocivo à religião – não deve ser tolerado por ouvidos piedosos!

Que outros livros, pois, sejam recomendados por sua inovação. Não pretendo que essa afirmação justifique o meu livro. Evitei isso mui diligentemente para que não contenha algo novo, estranho à Palavra de Deus e às formas públicas recebidas em nossas igrejas, e nada foi elaborado ali que não tenha sido confirmado pelo voto de nossos mui aprovados teólogos da mais elevada reputação.

Não espero nem solicito qualquer elogio futuro para minha pequena obra, porém considerarei meu labor plenamente satisfatório se o leitor, sóbria e bondosamente, considerar que esta minha obra, tal como está, é de algum préstimo para a igreja de Deus. Se daí provier algum fruto, este virá por meio da bênção divina para iluminação da verdade e edificação dos santos. Porém, se esta principal porção de meu labor não for sem proveito ao leitor, nem evidentemente inútil – porção que sozinho tenho relutantemente trazido à luz –, se porventura o leitor perceber que esse é o caso, então darei seguimento à outra parte com mais ardor, e agirei com o auxílio do bom Deus, se lhe aprouver dar-me força e vida para que com mais presteza entregue a fé uma vez dada.

Entrementes, visto que sou homem (e não me imagino isento de qualquer limitação humana), se algo deva ser dito aqui que corresponda pouco à Escritura associada com a regra de nossa fé, não só desejo que de fato seja desdito, mas que realmente seja suprimido.

Você, pois, querido leitor, quando bondosamente expressar sua apreciação e for caridoso para com meus erros: “Se você conhece algo melhor que estes preceitos, transmita-o, meu bom companheiro; se não, una-se a mim em seguir estes” (Horácio, *Epistles* 1.6.67-68 [Loeb, 290-91]).

Que o Deus da verdade e da paz nos faça andar sempre na verdade e na caridade; que a cada dia crescamos naquele que é o cabeça, até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, aperfeiçoados no poder e na medida da maturidade de Cristo. Amém.